

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

REPENSANDO A PRODUÇÃO TEXTUAL¹ **RETHINKING TEXTUAL PRODUCTION**

Maristela Righi Lang²

¹ Projeto de Pesquisa, em realização, como aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI - marilang@unijui.edu.br

RESUMO

Este estudo objetiva investigar sobre os motivos que levam os alunos a terem muitas dificuldades em relação à produção textual, bem como buscar em estudos teóricos embasamento para entender a questão e lançar luzes sobre possibilidades de trabalho que possam desencadear outra realidade nas escolas, em relação à escrita de textos e, conseqüentemente, na sociedade. Entendendo que a escrita é um processo de prática social, em que os sujeitos sócio-culturalmente situados interagem via linguagem por meio de textos, mais especificamente por meio dos diferentes gêneros textuais, serão usados como base teórica os postulados de Vigotski(2008), Bakhtin (2003), Schneuwly (2004) e Marcuschi (2002).

ABSTRACT

This study aims to investigate the reasons that lead students to have many difficulties concerning text production, as well as to seek theoretical background studies to understand the issue and shed light on work possibilities that may trigger other realities in schools, related to the writing of texts and, consequently, to society. To understand that writing is a process of social practice in which socio-culturally situated subjects interact via language through text, more specifically through different textual genres, the postulates of Vygotsky (2008), Bakhtin (2003), Schneuwly (2004) and Marcuschi (2002) will be used as a theoretical basis.

INTRODUÇÃO

Este texto discute a parte inicial de estudo sobre os porquês de os alunos de ensino médio e, conseqüentemente, da educação superior, apresentam dificuldades em relação ao processo de produção textual. Isso vem sendo observado ao longo dos mais de vinte anos como professora de Língua Portuguesa, pois frequentemente tenho me deparado com inúmeras situações que indicam que o estudo da linguagem - compreendida num sentido mais amplo, envolvendo tanto aspectos verbais, quanto os não verbais, essenciais para a produção de sentidos e significados -, da língua - entendida como um sistema usado por determinados grupos sociais - e, de modo especial, da produção textual apresentam lacunas, evidenciadas tanto pelo contato direto com os alunos, quanto por aqueles apresentados em pesquisas nacionais.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Tais questionamentos demandam estudos a fim de ler, observar, refletir, discutir e buscar entender os motivos que geram esse quadro, bem como pensar alternativas que levem a mudanças no cenário da produção textual. Por isso busquei o pós-graduação, pois acredito que no diálogo com estudos teóricos, professores e colegas de diferentes áreas do conhecimento, possa trilhar caminhos que permitam construir outros rumos, os quais levarão a diminuir as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de produção textual no Ensino Médio e, dessa forma, a questão da escrita na universidade também possa ser qualificada. Além disso, contribuir para que o sujeito se constitua um cidadão conhecedor de sua realidade, projete-se como alguém autônomo e propositivo, que sabe usar a sua língua em diferentes situações de interação social, principalmente escrita.

METODOLOGIA

O estudo estará ancorado na abordagem histórico-cultural de Vigotski (2008), bem como em Bakhtin (2003), o qual apresenta o estudo dos gêneros e em Schneuwly (2004), para quem os gêneros se dividem em primários e secundários e entende ser necessário o domínio de instrumentos, por parte do sujeito, para poder se apropriar e produzir aquilo que ele chama de gêneros secundários, além de Marcuschi (2002), um dos estudiosos brasileiros que se dedicou à questão da produção textual e dos gêneros textuais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Se o homem usa a linguagem desde seu nascimento, se usa uma língua de acordo com o grupo social do qual faz parte, se a escola em que está inserido ensina a língua portuguesa - afinal vivemos no Brasil e esta é a língua oficial - por que uma parte considerável dos alunos apresenta séria dificuldade para usar a sua língua, seja para ler/interpretar textos, seja para produzi-los? Refletir sobre essas questões e buscar respostas é o que se pretende com esta pesquisa, uma vez que se acredita que o desenvolvimento humano e a produção e sistematização de conhecimentos passa necessariamente pelo uso adequado da língua.

Não são poucas as falas afirmando que se vive um momento de amplo desenvolvimento tecnológico e científico, o que não pode ser negado. Por outro lado, é preciso dizer que isso não atinge o público de modo geral, sem contar o fato de que muitos não sabem usar adequadamente os recursos disponíveis.

Os últimos anos têm sido sinônimo de desenvolvimento tecnológico, o qual permitiu o surgimento de inúmeros aparelhos, bem como recursos e atividades que exigem pouco tempo de concentração, além de facilitar a cópia de ideias prontas. Isso acaba desviando a atenção da leitura mais atenta e mais complexa, tornando as pessoas, principalmente os jovens, sujeitos que têm acesso a uma multiplicidade enorme de informações - de forma fragmentada e superficial. Além disso, a leitura desatenta impede que o indivíduo aprenda e entenda a organização de ideias de forma mais elaborada ou complexa, já que o processo de aprendizagem e de conhecimento

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

também se dá pela leitura, desde que isso seja feito com atenção.

Se em relação à leitura, o quadro é preocupante, ao se refletir sobre o processo de produção textual, percebe-se que as consequências do que foi descrito anteriormente não poderiam ser outras. Produzir um texto mobiliza vários elementos, a saber, o conhecimento de mundo – também chamado de conteúdo temático –, o conhecimento linguístico e conhecimento textual. É função da escola e, principalmente, da Língua Portuguesa criar as condições necessárias para que os alunos consigam perceber, entender e colocar em prática esses conhecimentos. Segundo Irandé Antunes (2009) é por meio das práticas de leitura de diferentes gêneros textuais e do estudo das especificidades da Língua Portuguesa que será possível ao aluno a autonomia para o uso efetivo de sua língua em situações concretas.

Ao falar em gênero textual, amparo-me no conceito apresentado por Marcuschi (2002), segundo o qual são *“textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-discursivas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (p. 22-23, destaque do autor). Marcuschi, por sua vez, baseia-se no que Mikhail Bakhtin (2003) afirma, isto é,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja pelos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p 261-261 – grifos do autor).

Entende-se que o uso da língua está atrelado aos enunciados, aos textos, que os sujeitos utilizam nas inúmeras situações diárias de interação social. Tais situações podem estar ligadas ao uso espontâneo para a comunicação familiar, entre amigos, na escola, no trabalho, etc. ou podem fazer parte de situações mais complexas, que exigirão outro tipo de conhecimento para que as propriedades necessárias a cada texto se façam presentes.

Esse entendimento aponta para a compreensão de texto como o que permite a interação verbal e social, fazendo parte das práticas sociais entre sujeitos historicamente situados. Também revela uma concepção de língua que leva em consideração “seus aspectos discursivos e enunciativos, e não as suas peculiaridades formais [...] noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua” (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Em relação à produção textual, Bernard Schneuwly (2004) afirma que o gênero textual “pode ser considerado um instrumento psicológico no sentido vygotskiano do termo” (p. 20). Pensar nessa perspectiva muda o entendimento do processo de produção textual, uma vez que é necessário o desenvolvimento de aspectos relativos aos conceitos e também à cognição. Para o autor:

Na perspectiva do interacionismo social, a atividade é necessariamente concebida como tripolar: a ação é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, frutos das experiências das gerações precedentes, através dos quais se transmitem e se alargam as experiências possíveis. Os instrumentos se encontram entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual é levado a agir [...]. O instrumento, torna-se, assim, o lugar privilegiado da transformação dos comportamentos: explorar suas possibilidades, enriquecê-las, transformá-las são também maneiras de transformar a atividade que está ligada à sua utilização. [...] O instrumento, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização. (SCHNEUWLY, 2004, p. 21)

Vale salientar também que Schneuwly (2004) coloca o gênero textual como um instrumento e se baseia na ideia de Marx e Engels para desenvolver a reflexão inicial sobre o tema, segundo os quais “A apropriação não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades próprias nos indivíduos” (MARX e ENGELS, apud SCHNEUWLY, 2004, p. 20-21). Dessa forma, para que o sujeito se constitua alguém que produza, efetivamente, textos, precisa apropriar-se de uma série de elementos, como o domínio dos aspectos linguísticos, da estrutura dos diferentes gêneros textuais, dos modos de organização das ideias, dos temas, uma vez que esses são essenciais na constituição dos textos.

Vale questionar: o processo de produção textual entre os estudantes apresenta tantos problemas uma vez que eles não se apropriam de fato dos esquemas de utilização? Não entenderiam os aspectos estruturais, linguísticos e organizacionais das ideias e dos textos? Schneuwly (2004) afirma a necessidade de conhecer e dominar um gênero, ao menos de modo parcial - a fim de conseguir produzi-lo. Em suas palavras: “Os gêneros prefiguram as ações de linguagem possíveis: a existência do romance, seu conhecimento, senão seu controle pelo menos parcial, é a condição necessária da ação discursiva “escrever um romance” (p. 24-25).

O autor expõe ainda, apoiado nas discussões de Bakhtin, a existência de gêneros primários e gêneros secundários. Os primários fazem parte do cotidiano, com os quais os sujeitos interagem (no meio familiar, nas relações de amizade, na escola, em situações mais simples de trabalho) a fim de atender necessidades reais e primárias. Os gêneros secundários, por sua vez, são a evidência da complexificação do uso da linguagem, “tornam-se instrumentos de construções

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

novas, mais complexas” (SCHNEUWLY, 2004, p. 27). Esses gêneros são usados “em contextos linguisticamente criados”, como afirma o autor. Situações que demandam maior elaboração, uso de determinadas estruturas – sejam linguísticas, sejam estruturais dos textos – como é o caso de um artigo de opinião, de um artigo acadêmico, de um resumo ou de uma resenha, gêneros que fazem parte do universo do ensino médio e universitário.

Retomando a questão da apropriação dos esquemas de utilização citada anteriormente, vale citar um ponto discutido por Vigotski (2008), isto é, a formação dos conceitos e sua relação com o desenvolvimento das funções intelectuais. Segundo o autor, “a formação dos conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte” (VIGOTSKI, 2008, p. 72). Cabe então à escola e ao professor de Língua Portuguesa – já que estamos discutindo a produção textual nessa língua – criar condições para que o aluno se aproprie dos instrumentos necessários à atividade de produção textual. Além disso, há a necessidade de desafiar o sujeito, instigá-lo a desenvolver-se intelectualmente. Como assegura o autor:

A presença de um problema que exige a formação dos conceitos não pode, por si só, ser considerada a causa do processo, muito embora as tarefas com que o jovem se depara ao ingressar no mundo cultural, profissional e cívico dos adultos sejam, sem dúvida, um fator importante para o surgimento do pensamento conceitual. Se o meio ambiente não apresenta nenhuma dessas tarefas ao adolescente, não lhe faz novas exigências e não estimula o seu intelecto, proporcionando-lhe uma série de novos objetos, o seu raciocínio não conseguirá atingir os estágios mais elevados, ou só os alcançará com grande atraso. (VIGOTSKI, 2008, p. 73)

Para Vigotski, não é apenas a questão cultural e social que permite a formação dos conceitos. Para ele há uma relação entre as tarefas externas e o desenvolvimento intelectual do sujeito, além do uso da(s) palavra(s), sendo isso que permite a formação dos conceitos: “O novo e significativo uso da palavra, a sua *utilização como meio para a formação dos conceitos*, é a causa psicológica imediata da transformação radical por que passa o processo intelectual no limiar da adolescência” (p. 73 – grifos do autor).

A partir disso, algumas reflexões são válidas: o aluno tem clareza de que o processo de escrita exige o conhecimento e o domínio de determinados instrumentos, como o conteúdo linguístico, o conhecimento sobre diferentes temas, as estratégias a serem usadas na produção textual, como os argumentos em textos de cunhos argumentativos e recursos estilísticos – uso de metáforas, de metonímias, de comparações, de eufemismos, entre outros – nos textos narrativos ou nos poemas, além das questões estruturais características dos diferentes gêneros? Foram-lhe apresentados desafios para que pudesse desenvolver seu intelecto e dominar novos instrumentos? De que modo os professores estão trabalhando a produção textual? Os elementos necessários a essa prática estão sendo ensinados de modo que os alunos aprendam, apropriem-se dos mesmos, para que possam utilizá-los?

O que se tem observado é que há alunos que apresentam extremas dificuldades, seja em relação

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

ao processo argumentativo, seja em relação à escrita, desde a ortografia, a organização da ideia, com uso adequado da pontuação, o uso de elementos de coesão, tanto referenciais, que evitam a repetição de palavras ao longo do texto, quando a sequencial, a qual permite a boa relação das ideias, bem como a progressão temática. Quanto à argumentação, não há o uso de estratégias argumentativas, assim como não se aprofunda a discussão, o que talvez seja fruto de pouca leitura. Não há como alguém desenvolver um processo reflexivo, que fuja da superficialidade e das frases feitas, se não estiver ancorado em conhecimento que se obtém por meio de leituras e discussões em diferentes situações, mas principalmente em sala de aula, onde os processos são desenvolvidos com intencionalidade pedagógica.

Tais dificuldades são verificadas em diferentes níveis de ensino e quando se pergunta sobre a frequência da produção escrita, muitos afirmam que não vivenciaram essa prática com assiduidade. A prática cotidiana e orientada da escrita vai permitir a qualificação, mesmo que seja lenta, do processo. É preciso refletir não só sobre diferentes temas, mas também sobre as inúmeras possibilidades estruturais disponibilizadas pela língua para que se possam organizar os pensamentos. O aluno deve entender e dominar a sua língua, para que assim, ele consiga materializar suas ideias em forma de diferentes textos.

Produzir textos não é uma ação mecânica. É uma ação consciente, por isso precisa do domínio de instrumentos. Como assegura Vigotski:

Ao perceber alguns de nossos próprios atos de uma forma generalizante, nós os isolamos da nossa atividade mental total, e assim nos tornamos capazes de centrar a nossa atenção nesse processo como tal, estabelecendo uma nova relação com ele. Dessa forma, o fato de nos tornarmos conscientes de nossas operações, concebendo-as como um processo de um determinado tipo - como, por exemplo, a lembrança ou a imaginação -, nos torna capazes de dominá-las (VIGOTSKI, 2008, p. 115).

Para finalizar, vale destacar que a escrita - pensando nos gêneros secundários - é um processo que exige poder de abstração, intelectualização, um distanciamento das necessidades básicas, porém ela deve fazer sentido para o sujeito que está realizando a ação, levando-o ao domínio dos significados construídos histórico-culturalmente. Não se pode deixar de dizer que essas ações, por acontecerem nas instituições de ensino, precisam ser bem encaminhadas e é no trabalho conjunto do professor e do aluno - uma vez que os dois são ativos, cada um com a sua função - que acontecerá o domínio do processo, gerando bons resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar alternativas para o trabalho com a Língua Portuguesa e, principalmente, para a produção textual é urgente, pois a partir disso será possível ter alunos que consigam refletir sobre a sua realidade, além de propor alternativas para os problemas com os quais se deparam, além de dominar a sua língua, algo efetivo entre uma minoria da população brasileira.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Acredita-se que a partir das leituras, análises, reflexões aprofundadas surgirão possibilidades de um trabalho que traga resultados positivos para a escola e também para a sociedade. Isso porque se entende que a partir do momento que o sujeito entende, domina e se apropria dos conhecimentos, ele consegue pensar sob outra perspectiva e pode escolher os caminhos que deseja trilhar. Essa é uma das funções da escola, criar as condições para que os alunos construam sua criticidade, sua autonomia e possam traçar os seus percursos. Como dito anteriormente, a Língua Portuguesa possui papel fundamental, pois uma das condições básicas da cidadania é dominar a sua própria língua.

PALAVRAS-CHAVE: conhecimentos; apropriação; instrumentos; textos.

KEY WORDS: knowledge; appropriation; instruments; texts.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas/SP: Pontes, 1995

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Caminas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.